

DOXA E EPISTEME: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NA NARRATIVA HISTÓRICA (OU SALÚSTIO E A HISTORIOGRAFIA)

Pedro Paulo Abreu FUNARI*

“Descreverei os fatos com precisão e imparcialidade. Ao mesmo tempo, a linguagem em que registro os acontecimentos refletirá meus próprios sentimentos e emoções.”

(Josefo, *A Guerra Judaica*, Pref. 4.)

A verdade e sua descrição: o discurso da historiografia científica contra a opinião e a poética.

A historiografia científica, surgida no século XIX, construiu sua identidade na oposição entre dois gêneros radicalmente diversos: a ciência¹ histórica, descrição de verdades passadas, contraposta à *Historia* e à *memoria rerum-gestarum*², gênero literário de gregos e romanos.³ Embora o positivo da historiografia oitocentista tenha, neste século, cedido passo, predomina ainda

* É professor do departamento de história do ILHP da FCL de Assis - Unesp.

1. O termo *ciência* aparece na historiografia contemporânea como transposição de *episteme*, caracterizando-se pelo seu caráter nomotético; Cf. DERTEAU, M. de. A operação histórica. In: *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 41 - onde as *regras (nomoi)* aparecem como conceito-chave da História científica. Entretanto, utilizam-se do conceito de ciência histórica e em oposição à literatura histórica: CARDOSO, C. F. S. e BRIGNOLI, H. P. *Los Métodos de la Historia*. Barcelona, Grijalbo, 1977, p. 38; ZHUKOV, E. *Metodologia de la Historia*, Moscou, Ac. de Ciências, 1982, p. 44 *et passim*.
2. Relato dos acontecimentos.
3. Cf. MOMIGLIANO, A. The historians of the classical world and their audiences: some suggestions. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, 8, 1978, p. 74.

uma concepção de História baseada em categorias aléticas⁴ e fundamentada numa rígida separação entre prática acadêmica epistêmica⁵, desprovida de qualquer caráter deôntico ou mimético, e o campo doxológico da ficção histórica⁶. Neste contexto, a historiografia antiga⁷, pré-científica por definição, encontra-se, em geral, submetida ao critério analítico dominante na ciência histórica: o grau de veracidade de suas informações⁸. A avaliação dos historiadores antigos depende, assim da sua relativa proximidade à visão epistêmica de nossos dias.

Salústio, um dos historiadores mais doxológicos e poéticos da historiografia antiga⁹, tem sido justamente por isto, considerado inferior a autores como Tucídides e Políbio¹⁰, cujas formulações metodológicas quase atingiram a

4. A *alétheia* define-se, no pensamento clássico retomado por diversos historiadores, como aquilo que é efetivamente, *cinai*, *ousia*, em oposição à aparência, imitação (*mimesis*), ilusão (*eikasia*), que se refere o que se transforma (*gênesis*); cf. PLATÃO. *A República*, 5, 47a; 6, 510a; 7, 515c; 7, 534 a; 7, 598b; ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* 6,6. Cf. SEVCENKO, N. *Literatura como Missão*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 21 - ocupa-se portanto o historiador da realidade, enquanto o escritor (*sc. de ficção*) é atraído pela possibilidade (grifo meu).
5. Utilizo os termos *episteme* e *doxa* na sua acepção original, tal como retomada pela historiografia: PLATÃO. *A República* 5, 478a: *episteme* relaciona-se com o que é; 6, 510a: uma é verdadeira (*alethes*), outra não, e a relação da imagem com o original é a mesma entre *doxa* e *episteme*; ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*: *episteme* consiste em formar julgamentos sobre coisas que são universais e necessárias, verdades demonstráveis. COLLINWOOD, R.G. *A Idéia de História*, Lisboa, Presença, 1978, tenta resolver a impossibilidade da História atingir o imutável (*cusia*) ao tratar do mutável (*gênesis*), de ser epistêmica num contexto doxológico: "Heródoto... conseguia extrair *episteme* da *daxa*", p. 41. MARRAU, I.H., *Sobre o Conhecimento Histórico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. p. 29, utiliza-se do conceito de ciência mas o equivaie à *tekhne*, em contraposição à *episteme*, tentado, dessa forma, resolver a questão da cientificidade da História; cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 6, 1139b.
6. A oposição entre a História (*rerum gestarum expositio*) e a ficção (*mimesis*) histórica deriva das considerações de autores antigos; cf. ARISTÓTELES. *Poética, passim*; PLATÃO. *A República*, 10, 598b; CÍCERO. *De oratore*, 2, 15, 62. Veja-se a importância dessa oposição para entender o sentido de *verstehen* em MARRAU, I.H. *op. cit.* p. 28, cf. p. 245 (pós-escrito de 1975). Toda a construção discursiva de SEVCENKO, N. em sua brilhante tese, *op. laud.*, baseia-se na contraposição aristotélica entre o que foi (*ousia, einai*) e o que podeira ser (*dynamei*); cf. *op. laud.* p. 21.
7. Sobre a Historiografia antiga, veja-se, por último, PRESS, G.A. *The Development of the Idea of History in Antiquity*, Kingston, Mac-Gill, 1982; FORNARA, C.W. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*, Berkeley, U.C.P., 1983 e, a partir de pontos de vista mais próximos dos meus, WISEMAN, T.P. *The Idea of History in Antiquity*, *Classical Review*, 1985, 109-111.
8. É o caso, por exemplo, do estudo sobre Josefo de RAJAK, Tessa *Josephus: the Historian and his Society*, Londres, Duckworth, 1983, que considera Josefo, como historiador e como pessoa, confiável (*i.e.* que diz a verdade).
9. Cícero desconsidera o trabalho histórico de Salústio: *Abest enim Historia Litteris Nostris...* (*De leg.* 1, 2, 5), assim como NEPOS, C. In: PETER, H. *historicorum Romanorum Reliquae*, Teubner, 1967. v. 2, p. 40, fr. 17.
10. Sobre Políbio, veja-se SACKS, K. *Polybius an the Writing of History*. Berkeley, UCP, 1981; para uma visão recente, no sentido da afirmação da cientificidade de Políbio, veja-se SAMOKHI-

cientificidade da historiografia contemporânea. Meu objetivo consiste, precisamente, num questionamento das formulações axiomáticas que fundamentam a oposição entre ciência e ficção histórica. A partir do estudo de Salústio, pode-se perceber como a narrativa histórica, como construção discursiva¹¹ sujeita a regras, rege-se sempre por categorias deônticas¹² e possui sempre um caráter pragmático vinculado aos recursos da *poësis*¹³ estilística do autor¹⁴. A especificidade discursiva da História científica, que se encontra oculta pela diluição de seu estilo e das regras de sua construção narrativa, numa episteme¹⁵ acadêmica desinteressada, poderá, então, vir à luz. Será possível, desta forma, restabelecer os liames entre as diversas práticas de composição histórica.

Ceterum ex aliis negotiis quae ingenio exercentur, in primis magno usui est memoria rerum gestarum.

Dentre as outras atividade exercidas pelo espírito, em primeiro lugar é útil relatar os acontecimentos passados. (Salústio, *Bell. Iug.* 4,1.)

NA, G.S. Polybiana: a História como ciência na historiografia dos terceiro e segundo século antes de nossa era *Věstnik Drevni Istorii*, 4, 1986, pp. 195-102, em particular suas considerações sobre a oposição entre "nauthnoi" i "khudo jestvennoi" literatury... istorii i poezii, p. 97.

11. Sobre o caráter construído da narrativa histórica, vejam-se: BOBINSKA, C. *Historyk Fakt, Metoda*. Varsóvia, 1964, pp. 49-50; TOPOLSKI, E. *Metodologia Istorii*. Varsóvia, 1976, p. 150; LAPA, J.R. do Amaral. *A História em Questão*. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 14, que define *Geschichtsschreibung* como "recriação conforme o substantivo ideológico em que envolve o historiador ou que ele impõe". Cf. PHILIPPE, O. L'Homme et l'Histoire. *Actes du Conres de Strasbeurg*. 1952, p. 36; JOLIVET, R. ibidem, p. 11 (= obra literária).
12. O caráter deôntico da historiografia contemporânea é às vezes explicitado, como em MARROU, L.H. *op. cit.*, ou ZHUKOV, E. *op. cit.* - para citar dois autores com posições marcadamente diversas entre si; contudo, a descrição da *realidade* apresenta-se, em geral, como neutra. Richard R. Wilk, em um artigo recente, analisa em detalhe como o discurso sobre o passado relaciona-se com os valores do historiador: The ancient Maya and the political past, *Journal of Anthropological Research*, 41, 3, 1985, pp. 307-326, em particular, p. 319, *The Connection Between Present and Past Is a Source of Power, the Power to Offer Legitimacy or Attack it*. Cf. a recolocação do presente *sub specie praeteritorum* segundo OAKESHOTT, M.B. *Experience and its Modes*. Cambridge, CUP, 1933; BOKLUND-LA-GOPOLOUS, K. e LAGOPOLUS, A. Ph. *Semiotics and History, Semiotica*, 59, 3-4, 1986, p. 211.
13. Capacidade.
14. Procura-se negar, no moderno discurso historiográfico, o caráter literário do trabalho histórico; cf. WOODMAN, A.J. From Hannibal to Hitler: the literature of war, *The University of Leeds Review*, 1983, p. 107-124; CARDOSO, C.F.S. e BRIGNOLI, H.P. *Los Métodos de la Historia*. Barcelona, Grijalbo, 1976, p. 38. No entanto, a importância literária da historiografia contemporânea pode ser avaliada pelo fato de que o primeiro prêmio Nobel de Literatura concedido a um alemão foi, em 1902, Theodor Mommsen, por sua *Römische Geschichte*. Veja-se, por exemplo, o jogo de posições binárias que culmina, na última oração, com a unicidade do personagem narrado, César: *So wirkte und schaffte er wie nie ein Sterblicher vor und nach ihm, und als ein Wirkender und Schaffender lebt er nach nach Jahrtausenden im Gedachtnis der Nationen, der erste und doch auch der cinzige Imperator Caesar, In Caesar*, Munique, Goldmann, s.d., p. 143.
15. Ciência.

A História, para Salústio, é de grande utilidade (*magno usui est*), ou seja, o relato do passado possui sentido pragmático, visa a que os homens *ajam* de certa forma, persigam a *uirtus*^{16,17}. Segundo Salústio, “muitas vezes ouvi dizer que Quinto Máximo e P. Cipião, além de outros homens ilustres de nossa pátria, costumavam afirmar que, ao contemplarem as imagens de cera de seus antepassados, sentiam um enorme estímulo em direção à virtude. É de se supor que nem a cera nem os retratos tivessem em si mesmos tanta força, mas que, ao contrário, o relato dos feitos passados fizesse crescer, no peito dos homens egrégios, esta chama que não se extinguiu senão ao igualarem sua virtude à fama e à glória daqueles” (*Bell. Iug.* 4, 5-6).

Três são as características do discurso histórico de Salústio. Em primeiro lugar, a História consiste numa *concitatio animi*¹⁸, num apelo emotivo à práxis; essa emoção deriva, por sua vez, do conteúdo poético da narração (*ornatio uerborum*)¹⁹, consubstanciado na assimetria (*inconcinnitas*) e na concisão (*breuitas*) estilística e na sucessão de descrições²⁰, discursos²¹ e retratos²² no decorrer do texto. Por fim, Salústio explica seu posicionamento ético frente aos acontecimentos narrados e expõe o princípio ordenador de sua narrativa: articula seu discurso em torno da transformação da *uirtus* individual em *ambito*²³, processo que ocorre com a maioria dos personagens de sua narração (Jugusta, Escauro, Albino, Mário, entre outros). Salústio relaciona esse processo a um momento determinado da história romana: a consolidação da supremacia romana no Mediterrâneo após a destruição de Cartago²⁴.

Sallustium non ut historicum, aiunt, sed ut oratorem legendum.

Dizem que Salústio deve ser lido como um orador, não como um historiador.

(Grânio Liciniano, 26.)

A. J. Woodman²⁵ ressaltava que “a historiografia antiga e moderna são coisas completamente diferentes. Costumamos considerar autores antigos e

16. Virtude.

17. Cf. EARL, D.C. *The Political Thought of Sallust*. Cambridge, CUP, 1961, *passim*.

18. Incitação da alma.

19. Ornamentação das palavras.

20. Cf. *Bell. Iug.* 17-19; 41-42.

21. Cf. *Bell. Iug.* 10; 14; 31; 85.

22. Cf. *Bell. Iug.* 6; 15; 28; 48; 65; 95.

23. Ambição.

24. Trata-se do famoso *metus hostilis*: *Nam ante Carthaginem delectam populus et senatus Romanus placide modesteque inter se rem publicam tractabant, neque gloriae neque dominationis certamen inter ciuis erati metus hostilis in bonis artibus ciuitatem retinebat* (*Bell. Iug.* 41,2); cf. PLÍNIO, N.H. 33,50; Vell. Pat., 2, 1, 1; floro, 1, 33, 1; 34, 18; 47, 3; Agostinho, Ciu. Dei 1, 30; Orósio, 5, 8, 2; Plut. Cato Maior, 27; Diodoro, 34, 33, 3-6.

25. WOODMAN, A.J. *op. cit.* p. 120.

modernos a partir dos mesmos pressupostos. Contudo, nada pode ser mais perigoso. Se os historiadores antigos eram escritores do tipo que descrevi (sc.poetas), isto significa que seus trabalhos não podem ser considerados como evidência histórica pelos historiadores modernos... há [nesses textos] muito pouca evidência histórica. As implicações disso são muito preocupantes". O fosso entre a historiografia antiga e a moderna adviria, portanto, da veracidade factual²⁶, neutra²⁷ e epistêmica do historiador contemporâneo²⁸, ante a descrição mimética, artística, doxológica e inverídica do historiador antigo.

No entanto, a meu ver, o *modus describendi*²⁹ dos historiadores antigos e modernos parte de regras diversas, mas igualmente construídas, deônticas e pragmáticas³⁰. Isto se torna claro na comparação da narração salustiana com aquelas de historiadores contemporâneos, demonstrando que não são tanto as "evidências" que unem (ou não) ambas as historiografias, mas sua feição literária e engajada³¹. Limite-me, aqui, ao estudo de apenas um episódio da Guerra de Jugurta, tal como apresentado por Salústio e por Jérôme Carcopino. Não se trata de escolha aleatória, pois Carcopino marcou época, como historiador da Roma Antiga, pela sua precisão narrativa, pelas múltiplas interpretações originais que propôs e pela imensa influência que exerceu e continua a exercer nos seus contemporâneos e pósteros³². O caso em questão reveste-se de

26. Sobre o caráter ideológico do conceito de "evidência" e "fatos", veja-se TABACZYNSKY, S. Tradizione positivista e 'nuova archeologia', *Archeologia Medievale*, 11, 1984, p. 21: *non ci sono nella realtà di ricerca i 'fatti' 'puri', cioè non interpretati e non appesantiti da opinioni e precisazioni del ricercatore.*
27. Cf. LAGOPOULOS, A. Ph. Semiotics and History: a marxist approach, *Semiotica*, 59, 3/4, 1986, p. 219: *verification is not logical, but socio-logical, and is affected through social reality.*
28. *Theoretical Ethnography*, Moscou, Nauka, 1984 (*historian's specific function... consists in an all-reund recreation of the multifaceted picture of the historical process*) (grifo meu). O ato de recriação implica um sujeito que desenha um quadro segundo seus interesses e pontos de vista.
29. Modo de descrição.
30. Cf. ROWLANDS, Michael. Objectivity and subjectivity in Archaeology. In: SPRIGGS, M. org. *Marxist perspectives in Archaeology*. Londres, 1983, p. 109: *this ordering (sc. of past events into process) is guided by present interests and the ideological role played by images of the past in society.*
31. Sobre o engajamento do historiador, veja-se BURMESTER, Ana Mawa O. A nova História, *História: Questões e Debates*, 4, 7, 1983, p. 206. Sobre a relação entre a *uerborum ratio* e a *rerum ratio*, vejam-se: LUC MARCHAL. L'Histoire pour Cicéron, *Les Études Classiques*, 1987, pp. 41-64; BURSOV, Boris *Literatura Soviética*, 1, 1987, p. 163; MLECIN, Lev. Honra, ética, consciência: um diálogo com Zdenek Pluhar, *Novoe Vremia*, 14, 1987, p. 28 (em russo).
32. Jérôme Carcopino (1881-1970), foi membro da Escola Francesa de Roma entre 1904 e 1907; professor na Universidade de Algers e Inspetor de Antiguidades na Argélia entre 1912 e 1920; professor na Sorbonne entre 1920 e 1937; diretor da Escola Francesa de Roma desde 1937; membro da Academia das Inscrições e da Academia Francesa desde 1955. Por sua importância em mais de sessenta anos de atividade acadêmica, bem como pela formação de gerações

particular interesse, pois se trata de episódio narrado por Salústio e que foi, expressamente retomado por Carcopino a partir desta única fonte documental.

Em 116 a.C., o Senado Romano reúne-se para decidir sobre a divisão da Numídia. Ouvem-se as duas partes em disputa, Aderbal e embaixadores de Jugurta. Segundo o relato de Salústio:

“15,2 Ambas as partes retiraram-se, então, da Cúria. Os que favoreciam os embaixadores, bem como a maior parte do Senado, que havia sido comparada, condenaram as palavras de Aderbal, exaltando em suas arengas o valor de Jugurta. *Punham todos os seus esforços, seu crédito e sua eloquência a serviço do crime e da infâmia alheios, como se se tratasse de sua própria honra.* 3 Apenas uns poucos para os quais valia mais o bem e a justiça que as riquezas, consideraram que a sorte de Hiempsal devia ser vingada e Aderbal socorrido. 4 Dentre todos destacou-se Emílio Escauro, nobre, altivo, porém faccioso, ávido de poder, de honras e riquezas. Astucioso que era, trazia seus vícios escondidos. 5 Quando percebeu que as larguezas do rei se tornavam conhecidas e impudentes, teve medo de que, como ocorre em tais ocasiões, este abuso odioso levantasse o ódio também contra si e assim conteve-se de sua costumeira libertinagem. 16,1 No Senado venceu, contudo, a parte que prezava o dinheiro e o crédito mais que a verdade.”

J. Carcopino³³, baseando-se expressamente no relato salustiano reconstrói o mesmo episódio nos seguintes termos:

Os *patres*³⁴ reúnem-se em sessão fechada.

O que importa é a salvação do Império, e far-se-á o que ela exigir. Aceitar a versão de Jugurta seria deixá-lo como mestre de toda a Numídia: ninguém pensa nisso. Acolher o pedido de Aderbal é reacender a Guerra na África. Um pequeno número de Senadores pende nessa direção, em nome das verossimilhanças mas, principalmente, em nome da expansão romana, no interesse dos quais ela enchia os armazéns e a bolsa. À sua frente encontra-se Escauro... submetendo a Numídia inteira a um príncipe como Aderbal, sem capacidades militares e sem poder fazer frente à potência romana, daria aos comerciantes da ordem equestre todas as facilidades para o crescimento dos seus negócios e a prosperidade de suas iniciativas: pronunciou-se, então, pela intervenção (*Bell. Jug.* 15, 3-4).

Mas a maioria dos *Patres* se opunha, uns, talvez porque tinham recebido de Jugurta para abster-se, os outros porque consideravam, sinceramente, a

de romancistas, Carcopino pode ser comparado apenas a Theodor Mommsen pela espessura de sua influência na Historiografia da Roma Antiga.

33. *LA REPUBLIQUE Romaine de 133 à 44 av. J. C.* Paris, PUF, 1935, pp. 284-5.

34. Pais, senadores.

aventura custosa para uma vantagem aleatória, uns e outros porque percebiam estar o povo hostil a uma expedição que lhe exigiria grandes sacrifícios, não seria lucrativa senão aos cavaleiros e reunificaria um estado bárbaro que era melhor manter na desunião (*Bell. Iug.* 16,1).

Em termos estilísticos, ambos utilizam-se de uma *suada uerborum ordinatio*³⁵, caracterizada no primeiro autor pela narração concisa (*breuitas*), cujo efeito se perde, em grande parte, na tradução, mas que pode ser avaliada por uma frase-chave que apareceria grifada no trecho citado: "*Gratia, uoce, denique umnibus modis, pro alieno scelere et flagitio sua quasi pro gloria nitebantur.*"

A sucessão de ablativos, caso em que estão todos os substantivos e adjetivos da oração, e a sensação de movimento explícito no nível semântico (*nitebantur* = esforçavam-se); a inversão da colocação do pronome e do advérbio³⁶, além de fornecer novamente, uma quebra na estrutura da frase, causa um efeito, comum em Salústio, de estranhamento no leitor. A estratégia de Salústio, portanto, consiste num envolvimento poético do leitor na linha de argumentação que ordena o texto.

Carcopino, por outro lado, utiliza-se de um bem articulado jogo de *concordancia temporum*³⁷, que transporta o leitor a dois momentos diferentes. Assim, alterna o presente descritivo, que lhe permite narrar os motivos dos opositores de Jugurta - empregado juntamente com o recurso do discurso indireto de Escauro - como o *passé simple*³⁸ do fim do segundo parágrafo (*il se prononça done*). O uso, no parágrafo conclusivo, do imperfeito para expressar a posição vencedora, possibilita que Carcopino não conclua, expressamente, com a decisão do Senado, que fica subentendida no nível semântico ("a maioria") e sintático (*repugnait*). O leitor é envolvido, portanto, não apenas pela argumentação substantiva das partes, como pela sucessão de tempos verbais sutilmente estabelecida³⁹.

Embora o texto de Carcopino seja, explicitamente, uma redescrição do relato salustiano - aceitando, assim, a descrição original dos acontecimentos

35. Ordenação persuasiva das palavras.

36. O advérbio *quasi* deveria preceder *sua*; a inversão *sua pro gloria* é inusual. Compare-se com as seguintes colocações pronominais regidas por preposições: *ex testamento suo*, CIL 11, 1127; *in omni uita sua*, *Pere. Aeth* 9, 2; *cur de sua uirtute*, (César, B.G. 1, 40, 4; *Magonem cum classe sua... in Hispaniam mittunt*, Liv. 23, 32, 11; *res familiaris sua quemque delectat*, Cic. Quir. 3; *in civitates quemque suas...dimisit*, Liv. 21, 48, 2. A dificuldade de leitura do trecho levou copistas antigos a substituir *sua* por *suo*, testado nos manuscritos.

37. Concordância dos tempos verbais.

38. Pretérito perfeito.

39. Compare-se o texto de Carcopino com a carta de Plínio a Tácito, analisada na obra de ECO, Umberto. *Conceito de Texto*. São Paulo, Queros, 1984, quanto à sutil manipulação dos tempos verbais.

in totum –, representa uma reelaboração em dois níveis: nas estruturas de superfície e profunda do texto. As estruturas possuem pontos de partida e chegada semelhantes, mas percorrem percursos diversos:

Salústio 15,2-16,1	Carcopino pp. 284-5
1. Reunião fechada do Senado (15,2).	1. Reunião fechada do Senado (cf. 15,2).
2. A Maioria Pró-Jugurta (15,2).	2. Rápida visão das duas partes (cf. 15,2 e 3-5).
3. A posição de Escauro e da minoria (15,3-5).	3. Minoria pró-Aderbal (cf. 15,3).
4. Decisão Final (16,1).	4. Escauro (cf. 15, 4-5 e 14 <i>passim</i>).
	5. Maioria (cf. 15,2 e 16,1).

A estrutura linear de Salústio, alterada graças a uma sucessão de opiniões e contra-opiniões, permite a Carcopino incluir uma *argumentação* de Escauro em favor de seu voto, informação inexistente no trecho original; para tanto, recorre ao discurso de Aderbal, narrado no capítulo anterior (14), que passa a ser incorporado como parte da fala, em discurso indireto, de Escauro.

Na estrutura profunda, que explica o porquê da ordenação dada a cada texto, pode-se perceber que as narrativas de Salústio e de Carcopino partem de princípios diversos. Para o primeiro, a história de sua época explica-se pela degradação da *virtus* em *ambitio*⁴⁰, tal como esclarece o autor latino no prefácio à sua obra. Carcopino, em sentido oposto, não exprime programaticamente seu *medus cognoscendi*⁴¹ da sociedade romana em geral e deste caso em particular. Contudo, a partir do episódio em questão, pode-se supor que, para Carcopino, são os interesses econômicos das classes que determinam as decisões políticas⁴².

40. Virtude em ambição.

41. Modo de conhecimento.

42. É interessante notar que Theodor Mommsen, ao contrário de Carcopino, aceitava como fator explicativo aquele apresentado por Salústio: a corrupção da nobreza; cf. *STORIA di Roma Antica*. Turim, Sten, 1925, vol. 2, p. 128. Seria, talvez, um eco de sua oposição à nobreza prussiana que lhe valeria o exílio e o conduziria ao engajamento com os liberais.

A diferença entre os dois autores torna-se clara na comparação entre os vocábulos (substantivos e adjetivos), utilizados por cada um, para descrever os mesmos eventos:

<p>Salústio</p> <p><i>Uirtus</i> (Virtude) <i>Bonus</i> (Bom) <i>Aequos</i> (Justos) <i>Verum</i> (Verdadeiro)</p>	X	<p><i>Ambitio</i> (Ambição) <i>Diuitiae</i> (Riquezas) <i>Largitio</i> (Largezas) <i>Pretium</i> (Recompensa) <i>Gratia</i> (Favores) <i>Vitia</i> (Vícios) ao Poder — <i>Auidus Potentiae</i> (Ávido de poder) <i>Auidus Honoris</i> aos cargos { (Ávido de honras) <i>Factiosus</i> (Parcial)</p>
<p>Desejo de riqueza e poder → nesta época → <i>ambitio</i> (ambição) <i>(hac tempestate)</i></p> <p>(Explícito no discurso)</p>		

<p>Carcopino</p> <p>Interesses econômicos ←</p> <p>Interesse - Celeiro (=Povo⁴³) Bolsa (=eqüestres⁴⁴)</p> <p>Crescimento dos negócios dos eqüestres.</p> <p>Lucrativo para os cavaleiros</p>	<p>→ Interesses políticos</p> <p>Salvação (de um Império). Mestre da Numídia. Unidade de um estado bárbaro.</p>
<p>Interesses econômicos das classes → decisões políticas (Implícito no discurso)</p>	

O caráter construído da narrativa histórica de ambos os historiadores apresenta-se, no exemplo aqui estudado, evidente nos seus três níveis essenciais:

43. Fergus MILLAR, G.B., em seu *Popular politics in the late republic*, *Proceedings of the Classical Association*, 83, 1986, p. 21. Repropõe a importância do *populus* na estrutura republicana de poder, em oposição à historiografia das últimas décadas (e, em primeiro lugar, a Finley e Veyne), retomando, em certo sentido, as considerações de Carcopino a respeito.
44. Deve-se notar a ausência, no discurso de classes de Carcopino, da aristocracia agrária. Seria uma ressonância de sua utilização, na análise da sociedade romana republicana, das categorias da política clássica inglesa, *tories e whigs*?

no seu aspecto estético-formal, na seqüência discursiva (*taxilogôn*) e nos princípios explicativos ontológicos ordenadores da narração. O que separa um discurso do outro não são as diferenças estilísticas, nem a diversa ordem de exposição, nem ainda os diferentes *Leitmotiven*⁴⁵: estas características variam, de qualquer forma, de historiador para historiador. No entanto, Carcopino geralmente é encarado como um historiador epistêmico, científico, em contraste com a pré-cientificidade de Salústio. Isto ocorre justamente pelo fato de que as regras de construção discursiva da ciência histórica moderna encontram-se ocultas na neutralidade que advém da adoção do chamado efeito-realidade na narrativa⁴⁶. Enquanto Salústio explicita seu discurso como poética, como *suada oratio*^{47,48} que visa não descrever fatos reais, mas a *memória* (lembração humana)⁴⁹ que impele à ação no presente, o discurso da ciência apresenta-se como aproximação do real, *tout court*⁵⁰. Assim, os interesses por detrás da narração⁵¹, as origens presentes da reconstrução do passado (e vice-versa) e o estilo narrativo encontram-se camuflados na neutralidade discursiva da ciência. O *modus ad actiones impellend*⁵² da ciência histórica, portanto, consiste precisamente na indução que advém da obliteração do caráter construído, histórico, engajado, da narração histórica.

A doxologia que se acusa na historiografia antiga⁵³, assim como *episteme*⁵⁴ outorgada à historiografia moderna, representam a tentativa de exclusão do historiador da sociedade e da história. *Scientia* não é mais aquilo que o homem, enquanto membro da sociedade, sabe, mas aquilo que efetivamente é: o ser, a verdade. No entanto, quando se percebe a discursividade, humana, histórica, social, da narrativa historiográfica, pode-se desvelar o

45. Motivos diretores.

46. Cf. LAGOPOULOS, A. Ph. *Semiotica*, 61, 1986, p. 380.

47. Discurso persuasivo.

48. *A oratio* é uma *uis* "que age sem violência", pela persuasão, nas palavras de DUPONT, François. Cicéron, sophiste romain, *Langages*, 65, 1982, pp. 30 e 23-45.

49. Deve-se notar que a palavra *Historia* não significava, em grego e latim, "os acontecimentos do passado", o "passado" (*die Vergangenheit*); daí que o neologismo de Hegel, *Historia rerum gestarum* seja inexacto. *Memoria* remete, justamente, ao caráter humano, discursivo, construído: não se trata do que se passou, mas do que se conserva como memória.

50. Simplesmente.

51. A. Momigliano enaltece, em Moses Finley, justamente o fato de não explicar o porquê de suas afirmações: *Finley never explains how he would like to proceed. He does it. In: Sesto Contributo*. Roma, 1980, p. 316.

52. O modo de impelir à ação.

53. Sobre a discussão da especificidade do discurso do historiador da Antiguidade Clássica, veja-se, por último, o artigo de BRAVO CASTAÑEDA, Gustavo. Hechos y Teoría en Historia (Antigua), *Gérisón*, 3, 1985, pp. 19-41, com abundante bibliografia anterior.

54. Ciência.